



MR 009. Desafios Profissionais para Antropólogos em seus Campos de Atuação: relatos de casos na Amazonia.

Marcos Silveira (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ- DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA - PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA) - Coordenador/a, Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Participante, Hugo Ferreira Netto Loss (IBAMA) - Participante, Walter Alves Coutinho Junior (Ministério Público Federal - MPF) - Participante, João Francisco Kleba Lisboa (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

Cresce o número de antropólogos/os que se vê diante de novas situações profissionais, especialmente fora da universidade, na qual são levados a atuar não apenas como etnógrafos/os, mas como agentes de mediação, para a qual a formação em pesquisa etnográfica continua fundamental, contudo desempenhando novos papéis, inclusive diante dos interlocutores consagrados da antropologia, índios, ribeirinhos, quilombolas. Nesta mesa, propomos ouvir e discutir a experiência de três profissionais que atuam na região Amazônica, no MPF, no IBAMA e no Instituto de pesquisa Mamirauá, para termos uma visão ampla dos desafios que encontram atuando como técnicos, gestores e pesquisadores no âmbito das demandas que estes órgãos procuram atender. Está em jogo não apenas a formação do especialista no lidar com estas alteridades e suas realidades heterogêneas, mas em experiências profissionais que mobilizam a formação em antropologia para outras direções, exigindo que a própria formação profissional seja repensada.

Tentativas de reconciliação entre a antropologia e o Estado: mediações na avaliação de impactos ambientais da UHE Belo Monte

Autoria: Hugo Ferreira Netto Loss

Pretende-se expor conflitos gerados ao se trabalhar como antropólogo fora do meio acadêmico, sob o ponto de vista de um antropólogo e analista ambiental do IBAMA em Altamira-PA, na ebulição da UHE Belo Monte. As possibilidades que se abrem ao estudante de antropologia dentro da academia contemplam preponderantemente a promessa de que a carreira acadêmica é a principal alternativa após a formação. Desacreditar dessa promessa é um processo de dissidência do grupo, que tem implicações. Fora do meio acadêmico, força-se à readequação prática do conhecimento antropológico. Dialogando com interlocutores que não partilham dos mesmos códigos, a readequação do conhecimento ocorre com a adaptação do sujeito num contexto distinto daquele onde conhecimento foi estruturado, quando a linguagem e expressões devem ser revisitadas desde a sua origem para que façam sentido num meio descontextualizado.



Realização:



Apoio:



Organização:

